

A PEDAGOGIA DA ESPERANÇA EM DOM HELDER CAMARA

Martinho Condini
Doutor em Educação
Centro Universitário Fieo - UNIFIEO
profcondini@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de mostrar que as práticas de Dom Helder Camara ao longo de sua vida podem ser consideradas práticas pedagógicas, independente de terem acontecido numa instituição escolar ou não. Procura-se mostrar, também, a proximidade de Helder Camara e Paulo Freire com a questão da conscientização e a sua importância no processo de transformação da sociedade.

Palavras-chave: Esperança, conscientização; educação humanizadora

Data do recebimento do artigo: 06/03/2016

Data do aceite de publicação: 23/5/2016

INTRODUÇÃO

Neste artigo aborda-se o trabalho de Dom Helder Camara na educação formal e como seu modelo de esperança se transformou numa prática pedagógica. Isso porque religiosos brasileiros e latino-americanos, principalmente, tiveram-no como um ícone da Igreja na segunda metade do século XX, sendo que a partir dos anos 1950 passaram a atuar baseados no seu pensamento e prática.

Desde o início de sua vida religiosa, como padre no Ceará e depois como bispo-auxiliar e arcebispo no Rio de Janeiro, até o arcebispado em Olinda e Recife, Dom Helder Camara sempre exerceu influência sobre aqueles que estiveram ao seu lado. O seu carisma e a sua liderança, natos em sua personalidade, estiveram sempre presentes em sua trajetória de vida.

A sua liderança, na maioria das vezes, foi exercida de maneira democrática, sem nenhum tipo de autoritarismo. Um legado deixado por ele foi a valorização que deu aos grupos, às comunidades: pensava sempre no coletivo, achava que era dessa maneira que a sociedade iria atingir as transformações por ela almejadas.

Após um pequeno período participando da Ação Integralista Brasileira (AIB), Dom Helder Camara percebeu que as concepções autoritárias e conservadoras da AIB e do catolicismo, herdado do seminário, estavam “fora de lugar”.

Ocorre, a partir daí, o início de sua conversão à democracia e a elaboração de um processo de construção de uma Igreja com uma maior participação dos leigos e preocupada com as questões sociais. Além disso, a partir de então, por meio de suas ideias e ação, ele construiu o que vou chamar de uma pedagogia da esperança.

Esta sua conversão se deu a partir do contato do sacerdote com o pensamento do filósofo francês Jacques Maritain, com a leitura da obra *Humanismo Integral*, de Maritain. É nessa fonte que Dom Helder Camara começou a beber seus primeiros goles de democracia e construir um conjunto de práticas que se tornaria um modelo pedagógico nos anos 60 e 70.

Sem sombra de dúvidas, podemos afirmar que seu encontro com o pensamento de Maritain, através das obras *Humanismo Integral* e *Cristianismo e Democracia*, foi um divisor de águas

em sua vida. De maneira paulatina, ele incorporou em seu cotidiano as propostas de Maritain baseadas num “novo estilo de santidade”, onde a força, a agressividade e a coação deram lugar à penitência, à simplicidade e à pobreza, criando, assim, uma “nova ordem social cristã”. Maritain, em sua obra *Cristianismo e Democracia*, diz que:

Não se pode mudar à vontade os nomes pelos quais gerações de homens sofreram e esperaram. O problema não é encontrar um nome novo para a democracia, e sim descobrir sua verdadeira essência e realizá-la. O problema é passar da democracia burguesa, ressecada por suas hipocrisias e pela falta de seiva evangélica, a uma democracia inteiramente humana, da democracia falida à democracia real.¹

Não se pode deixar de salientar o momento histórico vivido por Dom Helder Camara nos anos finais da Segunda Guerra Mundial. A derrota dos regimes totalitários estava delineada e os ares da democracia expandiam-se pelos quatro cantos do mundo. No Brasil, o Estado Novo sofreu as consequências do novo realinhamento das forças mundiais, sendo extinto ao final da Segunda Guerra Mundial.

Nesse momento, Dom Helder Camara não mais compactua com as ideias fascistas defendidas pelo extinto integralismo de Plínio Salgado, perspicaz e dotado de uma fina sensibilidade, percebe as transformações políticas e ideológicas que estavam acontecendo no Brasil e no mundo. Ele também sofreu a influência de grupos e movimentos em favor da democracia dos direitos humanos, além da sua empolgação com o pensamento de Maritain.

Dom Helder Camara 1944, discursou numa cerimônia de formatura em que foi paraninfo, na Faculdade Católica de Filosofia, onde ele mostra a sua nova maneira de pensar:

[...] depois de avaliar que estava afastada “a hipótese de uma vitória nazista sobre o mundo” e de que as democracias venceriam “lado a lado com a Rússia Soviética”, pedia que os cristãos evitassem “o farisaísmo de julgar que nós burgueses representamos a ordem social e a virtude, ao passo que os comunistas encarnam a desordem, o desequilíbrio e o desencantamento das forças do mal” e completou: “nós também temos nossas falhas e nossos pecados [...] pois encobrimos injustiças sociais gritantes com esmolas generosas e espetaculares”.²

² Jacques MARITAIN, *Cristianismo e Democracia*, p.25.

² Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Helder Camara: Entre o Poder e a Profecia*, p.158.

Na segunda metade dos anos 40, o Brasil passava por uma fase de transição política e social, muitas pessoas saíam do campo para trabalhar nas indústrias das grandes cidades. O Partido Comunista Brasileiro ganhava força política diante da classe trabalhadora urbana. Esses fatores provocaram, de certa maneira, uma crise na Igreja Católica, devido à perda de fiéis em função do êxodo rural, com o agravante que nas grandes cidades o catolicismo tinha que concorrer com outros credos: o protestantismo, o espiritismo e a umbanda. Com isso a hierarquia da Igreja Católica foi obrigada a analisar aquele momento e rever as suas práticas se quisesse ainda manter a sua hegemonia como a principal religião do país.

O processo de reorganização da Igreja Católica começou a partir da Semana Nacional de Ação Católica, em 1946, organizada por Dom Helder Camara, bispo-auxiliar da cidade do Rio de Janeiro. Mas isso se acentua após o evento da II Semana Nacional de Ação Católica realizada em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1947, quando os bispos presentes convidaram-no a assumir o cargo de vice-assistente nacional da Ação Católica.

É importante lembrar que a Ação Católica Brasileira (ACB) foi um movimento controlado pela hierarquia da Igreja e fundado pelo cardeal Leme em 1935, que tinha naquela época o objetivo de formar leigos para colaborar com a missão da Igreja: “salvar as almas pela cristianização dos indivíduos, da família e da sociedade”, missão da época de sua fundação.

O objetivo principal da Semana Nacional de Ação Católica foi reunir bispos, sacerdotes e leigos a fim de discutirem “os problemas que extrapolavam a dimensão das dioceses”, e serviu também para a se fazer a renovação, a reorganização da coordenação do apostolado dos leigos da Ação Católica. Daquele momento em diante, Dom Helder Camara passou a mostrar a sua capacidade de organização, liderança e objetividade. Ele montou uma equipe composta, principalmente, de mulheres – já participantes da Ação Católica – que voluntariamente se engajaram nos trabalhos dessa nova fase da Ação Católica.

Nesta fase, a Ação Católica sofreu uma intensa influência das concepções do padre belga Jose Cardjin, fundador da Juventude Operária Católica (JOC) e criador da trilogia “ver, julgar e agir”, pois, para ele, “sendo o homem em grande parte fruto do meio, não há reforma espiritual profunda dos indivíduos sem concomitante reforma do meio em que vivem e

trabalham.”³ Essas concepções de Cardjin levou o padre José Távora a fundar, na Arquidiocese do Rio de Janeiro, a Juventude Operária Católica (JOC).

Através do processo de consolidação dessa nova postura da Ação Católica, Dom Helder Camara começava a aparecer no cenário nacional como uma figura de destaque na Igreja. Ele defendia que o catolicismo tivesse uma maior responsabilidade social e não apenas se preocupasse com as questões espirituais; mas, para isso, ele precisava e defendia uma maior participação dos leigos, que deveriam atuar também no seu trabalho, na escola e nos seus espaços sociais. Aqui ele já demonstra a sua preocupação na criação de uma ordem social mais justa e voltada para o coletivo.

Na própria hierarquia da Igreja, antigos militantes da Ação Católica discordavam e faziam severas críticas a essa nova proposta de se abrir mais espaço para a participação dos leigos na organização das atividades sociais proposta pela Igreja.

As concepções de Maritain e Cardjin foram sendo assimiladas e incorporadas por Dom Helder Camara nas atividades da Ação Católica Brasileira de maneira que em pouco tempo suas ideias foram difundidas em várias partes do Brasil. Para ele, era fundamental atingir as camadas mais jovens da população com essas novas ideias, pois dessa maneira ele garantiria o fortalecimento da Igreja que, naquele momento, enfrentava uma condição desfavorável devido à presença de outras religiões e ao crescimento do Partido Comunista do Brasil. Esse processo de renovação da Ação Católica culminou num encontro organizado por ele, que teve o apoio da Comissão Episcopal da ACB: a IV Semana Nacional do Movimento, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, em junho de 1950, postulava uma reformulação estatutária da Ação Católica Brasileira. Por que Dom Helder Camara defendia uma reforma do estatuto da ACB?

Dentro da nova mentalidade criada a partir das suas ideias para ACB, propunha-se a criação de movimentos específicos para que pudesse haver a participação dos leigos e, conseqüentemente, um maior dinamismo do clero na busca de resolução para os problemas sociais que afligiam a sociedade brasileira, principalmente os mais necessitados.

³ Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES. *Dom Helder Camara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 165. Para uma visão de conjunto da vida e obra de Jose Cardjin ver A. J. BIRK. *Um Mundo a construir*.

Como resultado dessa reestruturação e reformulação da Ação Católica temos a criação dos grupos específicos nos quais os leigos passaram a atuar – na Juventude Operária Católica que já existia e incorporou-se a ACB –, e as demais – a Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Universitária Católica (JUC), Juventude Agrária Católica (JAC) e a Juventude Independente Católica (JIC). E, em segundo lugar, a consolidação da ACB como um modelo de prática democrática na Igreja e nos grupos específicos de atuação, que tinham como objetivo construir uma sociedade mais justa, fraterna e humana.

Com essa nova organização da Ação Católica, Dom Helder Camara demonstrou a sua capacidade de fazer mudanças inovadoras e dar um rumo à missão da Igreja, além de vir no apostolado dos leigos algo positivo para o fortalecimento da Igreja como também a possibilidade de realizar trabalhos mais efetivos direcionados às questões sociais.

A intensa atuação de Dom Helder Camara na Ação Católica levou-o a iniciar um processo de discussão com as autoridades eclesiais a fim de convencê-las a pensar na criação de uma organização do episcopado brasileiro. O resultado dessa discussão foi a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

A partir da fundação da CNBB, ele, através do seu cargo de secretário geral somado à sua experiência na área da educação, fez com que a entidade estivesse constantemente presente nas discussões relacionadas à educação.

Havia uma diferença naquilo que ele pensava a respeito de educação para o Brasil em relação à Associação de Educação Católica (AEC). A AEC defendia os interesses das escolas católicas particulares. Enquanto representante do episcopado brasileiro, Dom Helder Camara deveria defender os interesses da Igreja e, assim, apoiar de maneira incondicional o ensino privado e elitista das escolas religiosas.

Apesar da responsabilidade como diretor de uma entidade que representava os interesses da Igreja Católica, ele não deixava de pensar e defender ideias e projetos nos quais acreditava. Para a educação, defendia um projeto no qual o acesso ao conhecimento fosse algo popular, a fim de que pudesse atingir as camadas carentes que viviam principalmente nas áreas rurais.

Em 1963, em solenidade no Ministério da Educação, na qual se apresentava o Plano Nacional de Educação para o período de 1963-1970, elaborado pelo educador Anísio Teixeira, combatido pela ala conservadora da Igreja, que solicitou ao governo a sua exoneração do cargo de diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), Dom Helder Camara, ainda secretário geral da CNBB e membro do Conselho Federal de Educação dá apoio incondicional a Anísio Teixeira.

Como secretário geral da CNBB, ele tinha que defender, de certa maneira, os interesses da ala conservadora da Igreja. Mas foi ele um dos mais importantes incentivadores do Movimento de Educação de Base (MEB) – idealizado por Dom José Távora, grande amigo de Dom Helder Camara – organizado pela CNBB e financiado pelo governo federal. Pela primeira vez, através da CNBB no MEB, a Igreja se viu envolvida num projeto de educação popular, o que foi muito importante para o processo de alfabetização e conscientização da população rural brasileira na década de 60.

A origem do MEB se deu a partir de uma experiência realizada pelo bispo auxiliar de Natal, Dom Eugênio Sales que, com o apoio da Ação Católica Brasileira, criou a Emissora de Educação Rural de Natal. O trabalho de alfabetização realizado por esse programa educacional atingiu resultados positivos e o programa foi estendido a outras cidades do Nordeste. Quando Dom José Távora⁴ se tornou bispo de Aracaju, planejou transformar aquele programa radiofônico num projeto nacional de educação para trabalhadores rurais no Nordeste, daí nasceu o MEB. Dom Helder Camara Dom Távora foram os dois principais religiosos do Nordeste a convencer o presidente Jânio Quadros a acreditar na proposta e autorizar o governo a financiar o projeto de educação básica.

Apesar do MEB ter sido organizado pela CNBB com apoio do governo federal, através do Ministério da Educação, sua independência e liberdade filosófica e pedagógica foi mantida até 1964 e, assim, eles conseguiram realizar os seus projetos e traçar os seus objetivos. O MEB defendia uma pedagogia voltada para a educação integral, principalmente dos trabalhadores rurais, e não apenas à sua alfabetização. Este trabalho pedagógico esteve atrelado à proposta da Ação Católica Brasileira que tinha como principal objetivo o desenvolvimento da

consciência política, social e religiosa do estudante trabalhador. Esse processo de conscientização se deu por meio da valorização da oralidade e dos costumes de cada comunidade a fim de que os trabalhadores pudessem entender a realidade que os cercava e, a partir daí, transformá-la através de uma ação coletiva. O título de uma das cartilhas do MEB traduzia a sua pedagogia: “Viver é lutar”.

Um fato que mostrou a importância de Dom Helder Camara para a consolidação do Movimento de Educação de Base, foi a lembrança do relator do documento oficial do Comitê Nobel do Parlamento da Noruega, quando avaliou a possibilidade de condecorá-lo com o Prêmio Nobel da Paz entre 1970 e 1973. Afirmou Jacob Sverdrup:

[...] deve-se mencionar o grande programa de educação de adultos, onde Hélder Câmara figura como protagonista. Iniciado esse programa no Nordeste brasileiro, foi o mesmo sancionado pela Igreja, e Câmara foi chamado a negociar com as autoridades, a fim de obter subvenção oficial [...] O programa contava com a subvenção do Estado e a benção da Igreja mas tomou, aos poucos, um rumo que despertou reação das autoridades e criou dissensão dentro da Igreja. A elaboração do programa demonstra bem a filosofia de Câmara. O ensino era apenas um meio para tornar os alunos membros cientes e ativos da sociedade. Esse despertar social foi guiado num certo sentido para libertar o povo das forças que o oprimiam. Através do ensino, o povo deveria ser ativado para um processo de desenvolvimento social [...]

5

Em síntese, Dom Helder Camara defendia uma educação popular e humanizadora por meio do MEB, embasada na conscientização política e numa prática conscientizadora – processo pedagógico de cunho político que possibilita às pessoas tomarem consciência de serem cidadãos livres, sujeitos de direitos e deveres individuais e sociais – e na esperança, mola precursora geradora do processo de transformação de uma sociedade. Paulo Freire descreve a origem do termo conscientização:

Na América Latina e nos Estados Unidos acredita-se que fui eu o homem quem criou esta palavra, mas a verdade é outra: ela nasceu de uma série de reflexões que uma equipe de professores desenvolveu no ISEB (Instituto Superior de Estudos do Brasil), instituto que estava associado ao Ministério da Educação Nacional e que foi criado depois da chamada Revolução Libertadora do Brasil, em 1964. A palavra foi criada por um dos professores daquela equipe. (...) e foi precisamente no ISEB que escutei pela primeira vez a palavra conscientização, e ao ouvi-la logo percebi a profundidade de seu significado, pois estava absolutamente convencido de que a

⁴ Dom José Vicente Távora, arcebispo católico brasileiro da arquidiocese de Aracaju desde 1960. Pioneiro nas experiências de educação de adultos através das escolas radiofônicas em seu Estado e presidente do movimento de Educação de Base (MEB) desde o seu início.

⁵ Jacob SVERDRUP, *Relatório sobre Dom Hélder*, p.XIV. Sverdrup, doutor em filosofia e professor da Universidade de Oslo, foi consultor do Comitê Nobel em 1970.

educação como prática de liberdade é um ato de conhecimento, uma aproximação até a realidade⁶.

Segundo Paulo Freire a difusão do termo conscientização “foi Dom Helder Camara que se encarregou de difundir-la e de traduzi-la em inglês. Assim, pela influência de Dom Helder Camara, mais que pela minha, a palavra entrou na Europa e nos Estados Unidos”⁷.

No âmbito da Igreja, ele foi um grande interlocutor de Paulo Freire, através da obra *Pedagogia do Oprimido*, exercendo ampla influência na sociedade brasileira. Considerou que essa obra era: “[...] de alcance decisivo para se obter a medida adequada de conscientização, evitando que o oprimido de hoje se transforme no opressor de amanhã”⁸.

Paulo Freire, que nutriu profunda admiração por Dom Helder Camara, dele afirma: “[...] gente que eu posso dizer que não era assistencialista. Gente que era progressista, gente comprometida. Comprometida com os pobres [...]”⁹. E nada era e é mais digno em uma sociedade do que o cidadão ter a esperança, através do conhecimento e da conscientização, da possibilidade de transformar, de modificar coletivamente a sua realidade e construir uma nova sociedade. Dessa maneira, esse cidadão estará sendo o agente da sua história e da história da sua comunidade, estado ou país.

As práticas pedagógicas do MEB atingiam religiosos, leigos e o povo, convidando-os a construir uma nova sociedade. Afirmou Luís Eduardo Wanderley, sobre as atividades do MEB que redefiniu “[...] a atuação prática dos cristãos na sociedade brasileira [...] Os leigos assumiram novas tarefas, trouxeram reflexões teóricas e teológicas para o interior da Igreja no Brasil e introduziram a questão política de maneira aguda, que iria reacender nos anos pós-70”¹⁰.

Foi a partir da consolidação do MEB, entre os anos de 1961-1964, que a Igreja se viu envolvida na criação do que podemos chamar de Igreja Popular, onde os seus resultados

⁶ *Apud* Francisco de Assis S. ALFENAS, *Paulo Freire e Medellín: a Construção de uma Pedagogia Libertadora*, pp.51-2.

⁷ *Apud* Francisco de Assis S. ALFENAS, *Paulo Freire e Medellín: a Construção de uma Pedagogia Libertadora*, p.52.

⁸ Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Helder Camara: Entre o Poder e a Profecia*, p.410.

⁹ Celso Rui BEISIEGEL, *Política e Educação Popular*, p.35.

diretos foram a criação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), as comissões pastorais e os projetos sociais alternativos. Essa Igreja popular, que segue as propostas vindas do grupo da “Igreja dos Pobres”, formada no Concílio Vaticano II, onde a prioridade são os excluídos.¹¹

Neste aspecto, Dom Helder Camara foi um dos principais precursores da construção de uma Igreja engajada social e politicamente na causa dos pobres, dos injustiçados e excluídos. E através de sua ação na CNBB começou-se, a partir da década de 60, a se construir uma Igreja onde termos como “conscientização”, “libertação”, “emancipação” e “consciência crítica” faziam parte do vocabulário e da prática do catolicismo brasileiro.

Por volta de 1967, a Igreja Católica passa por um momento histórico relevante, devido aos resultados do Concílio Vaticano II, reforçado pela encíclica *Populorum Progressio*. Neste contexto, Dom Helder Camara ficou conhecido pelas autoridades eclesiásticas e leigas do catolicismo como um dos principais articuladores das transformações propostas para a Igreja. Devido ao seu destaque nos bastidores do Vaticano, como salientamos anteriormente, ele começou a ser convidado a participar de encontros, palestras e conferências em vários países do mundo; teve início, então, a trajetória de conferencista internacional do Arcebispo de Olinda e Recife.

Tínhamos, na segunda metade da década de 60, uma situação contraditória: a hierarquia católica e leiga progressista, estudantes, trabalhadores e militantes de esquerda do mundo queriam conhecer suas ideias, ouvir seu discurso transformador e a sua proposta educacional conscientizadora. E, no Brasil, as autoridades eclesiásticas conservadoras e os militares entendiam o seu discurso como algo subversivo, capaz de fomentar, na sociedade, o descontentamento com o atual regime político e a situação sócio-econômica do país, e levar

¹⁰ Luís Eduardo W. WANDERLEY. Educar para Transformar: Educação Popular, Igreja Católica e Política no Movimento de Educação de Base, *apud* Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Helder Camara: Entre o Poder e a Profecia*, p.271.

¹¹ Para uma compreensão da gênese da “Igreja Popular” ver Sérgio TORRES (Org.) *A Igreja que surge da Base* (Eclesiologia das Comunidades Cristãs de Base). Esse texto recolhe as conferências do IV Congresso Internacional Ecumênico de Teologia realizado em São Paulo, em 1980. O Congresso reuniu teólogos e teólogas da América Latina. Ver, também, Leonardo BOFF, *Eclesiogênese. As Comunidades Eclesiais de Base reinventam a Igreja*; Gustavo do Passo CASTRO, *As Comunidades do Dom: Um Estudo de CEB's no Recife*.

essa mesma sociedade a um processo de rejeição do status quo e de mobilização para promover movimentos que defendessem práticas socialistas.

Em suas conferências no Brasil e em outras partes do planeta, Dom Helder Camara não se limitava aos assuntos de cunho religioso e espiritual, abordava também problemas políticos, sociais, educacionais e econômicos do mundo contemporâneo. Participou de centenas de conferências e palestras.

Para Dom Helder Camara, os problemas que afligiam o planeta estavam diretamente relacionados com a bipolaridade mundial, mas não apenas a bipolaridade ideológica, capitalismo e socialismo; mas também com a exploração dos ricos sobre os pobres, independente do sistema político ou econômico existente nas nações. Para ele, enquanto essa desigualdade existisse não haveria justiça e paz entre os homens. Apresentou essa ideia a governantes e religiosos de todo o mundo, independente da ideologia ou credo, na esperança de envolvê-los num processo de mudanças. Ele afirmava que sua missão era ajudar a humanidade na busca do “desenvolvimento integral”.

O que Dom Helder Camara pretendia, em suas conferências nos cinco continentes era: “a mobilização simultânea de milhões e milhões de pessoas que, no mundo inteiro, amam a paz e têm sede, por vezes inconsciente, da verdade, do belo e do bem”, para “levar o mundo a uma civilização harmônica e solidária”.

Quando começou a participar das conferências e palestras, ele se tornou um “cidadão do mundo”, e a sua preocupação era fazer com que as injustiças e desigualdades sociais do mundo diminuíssem. E isso só seria possível com uma organização de grupos militantes atuando em “campos de ação” deflagrando um movimento de opinião pública mundial favorável ao “desenvolvimento harmônico e solidário”. O seu pensamento social, político e econômico não era exclusividade sua, o seu interesse era servir como instrumento para difundir ideias sobre a importância do desenvolvimento econômico como único caminho para a superação das injustiças.

Dom Helder Camara sofreu uma forte influência de Celso Furtado, que via o desenvolvimento como um “instrumento de humanização do capitalismo” e “também como o melhor caminho

para a neutralização dos movimentos de esquerda e socialistas, tais como as ligas camponesas”.

Ao afirmar que “não haverá paz sem justiça e que o desenvolvimento é o novo nome da paz” e “como o desenvolvimento promoveria o bem-estar, naturalmente estaria assegurada a ordem social, cujo desdobramento político, no mundo ocidental, é a democracia”, Dom Helder Camara inspirava-se na *Populorum Progressio* de Paulo VI e nos ensinamentos de Celso Furtado

Em suas conferências, ele utilizava-se muito do pensamento do jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin¹². Através das leituras de Chardin, ele construiu uma nova visão de mundo, onde o cristão não devia olhar para o mundo querendo fugir dele, e sim olhá-lo e amá-lo, ou seja, o homem é como “co-criador”, responsável por complementar a criação divina. Por influência de Chardin, passou a respeitar a ciência e ver a pesquisa científica como uma maneira do homem chegar ao “coração da matéria”, num caminho evolutivo rumo a “super-humanidade” em que existiria “a máxima abertura para a pessoa humana”, e seria possível o seu encontro com o “Cristo alfa e ômega, princípio e fim”.

Dom Helder Camara chegou a declarar na época: “Se dou comida aos pobres eles me chamam de Santo. Se eu pergunto por que os pobres não têm comida, eles me chamam de comunista”. A partir de 1969, tornou-se difícil o seu acesso aos meios de comunicação – rádios, jornais, revistas e televisão – devido ao acirramento da censura imposta pelo governo militar. No início dos anos 70, era reconhecido como uma liderança na luta em defesa dos direitos humanos e da paz mundial. Era um forte candidato ao prêmio Nobel da paz. Alguns jornais estrangeiros chegaram a considerá-lo “o homem de maior influência na América Latina, depois de Fidel Castro”.

Apesar da peregrinação internacional, com palestras e conferências, a sua prioridade era o trabalho na Arquidiocese, com a ação pastoral vinculada à proposta do Movimento de Educação de Base. Seu objetivo era consolidar o movimento “evangelização conscientizadora”, que há anos vinha sendo elaborado. O intuito desse movimento era

¹² D. Romano RÉZÉK, OSB, Pequena biografia e cronologia de suas obras. Para aprofundar o estudo, consultar as obras de Pierre Teilhard de CHARDIN, *Gênese de um pensamento; O Fenômeno Humano; Hino do Universo*.

organizar pequenos grupos de moradores em áreas populares, discutir o evangelho e debater os problemas da comunidade. A partir daí implantar projetos para a resolução dos problemas de injustiça social que assolam o Nordeste, a América Latina, a Ásia e a África. Nasciam, na Arquidiocese de Olinda e Recife, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).¹³ Dom Helder Camara fala sobre as CEB's para o mundo:

A Comunidade de Base tem dimensão humana, o que permite que todos conheçam a todos. Os problemas não são de casos de moral extraídos de livros, mas acontecimentos reais, que saltam da vida. Na Comunidade de Base, para que o diálogo seja efetivo e válido, todos aprendem a falar e a calar, a falar e a ouvir, a alegrar-se vendo o próprio pensamento enriquecer-se com os pontos de vista até com as discordâncias dos irmãos. [...] Na Comunidade de Base os irmãos se apóiam mutuamente, cada um guardando a própria liberdade e o grupo renunciando, expressamente, a exercer pressões sobre os seus. [...] Na Comunidade de Base, em geral, todos trabalham ou procuram trabalho [...].¹⁴

Para Dom Helder Camara, as CEBs eram uma “esperança viva de renovação das estruturas da Igreja”¹⁵ tendo a incumbência de promover a humanização através da religiosidade, e esta, contribuindo para a “libertação social” das camadas populares. Ele dizia: “[...] nas nossas Comunidades de Base, também se espalha – e se espalha cada vez mais – a certeza de que, quando o pequeno acreditar no pequeno, quando o menor que padece acreditar no menor, então, sim, o mundo será melhor”¹⁶.

Uma de suas preocupações era com os extremismos, tanto de direita, que pretendia esmagar as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a pretexto do perigo de serem instrumentalizadas pelos marxista-leninistas, como pela tentativa que existia delas de fato receberem essa

¹³ CEBs, Comunidades Eclesiais de Bases, nasceram no Brasil nos anos 60 com o intuito de reunir as camadas populares para celebrar e refletir sobre sua fé a partir da realidade social em que viviam e “à luz da Palavra de Deus”. Reunem-se em pequenos grupos organizados em paróquias (urbano) ou capela (rural), por iniciativa de padres, bispos e leigos. As primeiras surgiram no Rio Grande do Norte, na arquidiocese de Natal. São comunidades porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma Igreja e moram na mesma região. São eclesiais, porque congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São de base, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (camadas populares).

¹⁴ Dom Helder CAMARA, *Minorias Abraâmicas e Estruturas da Igreja*.

¹⁵ Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 391.

instrumentalização pela extrema esquerda. A cada encontro das comunidades, Dom Hélder achava muito importante haver espaço e tempo para orar e estudar e que se incentivasse a auto-organização política das comunidades, a fim de lutarem por seus direitos, sem a utilização da violência. Frei Gilberto Gorgulho afirma que as CEBs:

São uma escola de crescimento da consciência oprimida, revoltada, agressiva, que caminha até chegar a uma consciência moral, a uma consciência evangélica. São um fator de transformação, porque somente a consciência moral, quer dizer, a percepção do que é verdadeiro, do que é justo, do que é injusto, (clareza na percepção pessoal e grupal) tem força de transformação, força de libertação.¹⁷

Na Arquidiocese de Olinda e Recife, Dom Helder Camara foi o grande incentivador para que os trabalhadores rurais e urbanos e as camadas desfavorecidas da sociedade se organizassem através das Comunidades Eclesiais de Base. Esse apoio levou a região de Pernambuco a ser uma das que mais se destacou na criação das Comunidades Eclesiais de Base, principalmente as comunidades rurais, onde a exploração e a luta pela posse de terras foi mais intensificada. Em Recife, esse trabalho teve seu início com um pequeno projeto liderado e organizado por Dom Helder Camara denominado Projeto Esperança, abordado no primeiro capítulo desta dissertação. Ele colaborou com o desenvolvimento e consolidação das CEBs, principalmente em Olinda e Recife, através da sua experiência na ACB e no MEB e do seu apoio aos religiosos e leigos seguidores da Teologia da Libertação (TdL).

O trabalho das comunidades eclesiais de base deveria estar alicerçado num aprendizado através da ação, conscientização e oração. Para Dom Helder Camara, era importante que no trabalho realizado nessas comunidades ocorresse um processo de transformação, isto é, se criasse uma sociedade justa e digna para homens e mulheres. Ele entendia que o trabalho dos missionários tinha um papel fundamental em todo o processo, porque estes não vinham trabalhar para o povo, e sim, com o povo, aprendendo, ensinando e vivenciando os problemas, e junto com a comunidade tentavam buscar soluções. Dessa maneira, ele semeou nas mentes e

¹⁶ *Apud* Marcos de CASTRO, *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*, p.217.

¹⁷ *Apud* José J. QUEIROZ (org), *A Educação Popular nas Comunidades Eclesiais de Base*, p.19.

nas almas das pessoas a sua pedagogia da esperança. Para Dom Helder Camara: “[...] O verdadeiro educador é muito mais que um despertador. É alguém que vem acordar aquilo que está meio adormecido dentro de nós”¹⁸.

Essa tentativa de levar as camadas mais carentes da população a um processo de conscientização através da sua própria realidade só foi possível em função da criação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que foram fundamentais para que o povo pudesse pensar, idealizar e construir, em sua comunidade, um mundo possível de melhores condições de vida para todos. Dom Helder Camara fazia a seguinte reflexão a respeito das CEBs:

Então, o mistério das Comunidades Eclesiais de Base está nessa mudança de atitude. Em lugar de a gente pensar que o povo é formado de uns incapazes, de uns imbecis que não têm nada a dar, a gente acredita no povo. São criaturas humanas que têm cabeça pra pensar, são filhos de Deus que têm boca para falar. Então nós acreditamos nos pequenos projetos de dimensão humana. Nós queremos é isso. Porque, o que é que adiantam aí super-projetos, se só são magníficos para que os ricos se tornem mais ricos e o mundo se torne cada vez mais desumano. Queremos projetos de dimensões humanas precisamente para que haja mais vida humana. Queremos é isso, um mundo mais respirável, menos desumano, quantas vezes será preciso repetir?¹⁹

Esse foi o trabalho realizado por ele, ao longo das décadas de 60 e 70, em busca de um mundo mais justo, solidário e sem violência, onde as diferenças étnicas, religiosas e sociais não seriam algo impeditivo para se construir um mundo de irmãos. Isso o projetou para o mundo, e fez com que ele viajasse por todos os continentes levando uma palavra profética grávida de esperança para homens e mulheres de boa vontade. Recebeu títulos de doctor honoris causa em várias universidades nacionais e estrangeiras. É importante destacar o primeiro título recebido no Brasil: em 1982, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, quando o então reitor Dom Paulo Evaristo Arns lhe agradeceu com tal honraria, a de Doctor Honoris Causa em Direitos Humanos. Dom Helder Camara na ocasião deixa uma mensagem aos jovens:

Um cristão jamais pode perder a esperança. Podemos e devemos fugir de falsas promessas. Mas por mais que descubramos situações graves no Brasil e no mundo – no Brasil, agravadas pelo que se passa no mundo – para quem tem olhos de ver e ouvidos de ouvir, há claros sinais de esperança, a começar pela atitude dos jovens.²⁰

¹⁸ Dom Helder CAMARA apud Marcos de CASTRO, *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*, p. 231.

¹⁹ *Ibid*, p 231.

²⁰ Helder CAMARA, *Só a verdade vos libertará*.

²² Dom Helder Camara: O Santo Rebelde. Documentário dirigido por Érika Bauer. Brasília. 2004.

O trecho do discurso acima é importante, primeiro porque acontece num momento histórico ímpar no Brasil e para Dom Helder Camara. O Brasil estava iniciando o seu processo de redemocratização que, apesar do governo militar, caminhava a passos largos para a consolidação da democracia política em nosso país. Em segundo lugar, merece destaque o reconhecimento da universidade brasileira ao religioso, profeta e místico, Dom Hélder Câmara que, após anos de silêncio, não só voltava a expor suas ideias em público, bem como recebia pela primeira vez no Brasil, um título de doctor honoris causa.

Nesse discurso, ele apontou aspectos que sempre foram muito importantes em sua vida: o cristianismo, os jovens e a esperança. Através da esperança cristã e da esperança, ele construiu um modelo de ação no qual, sem violência, ele atingiu de maneira violenta a todos os setores da sociedade que deveriam ser transformados para que os homens construíssem uma sociedade mais justa. A Igreja conservadora, o regime militar e os imperialismos foram os setores de maior atenção por parte do religioso. Conforme depoimento de Dom Antônio Fragoso sobre Dom Helder Camara: “Um homem que teve a coragem de ser não violento a vida inteira, de ser o mais violento dos bispos do Brasil. Porque ele desmanchava por dentro os conteúdos, assim, de totalitarismo, de opressão, de Dominação”²¹.

Enfim, foram suas atividades na Ação Integralista Brasileira, na Ação Católica Brasileira, na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no Movimento de Educação Básica, no Concílio Ecumênico Vaticano II, na Conferência Episcopal de Medellín, nas Comunidades Eclesiais de Base, somados à sua visão profética e preocupada com os excluídos e as desigualdades sociais cometidas a eles, é que Dom Helder Camara construiu um estilo único e insofismável de pensar, ser e agir.

REFERÊNCIAS

ALFENAS, Francisco de Assis Silva. *Paulo Freire e Medellín: a construção de uma pedagogia libertadora*, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BEISIEGEL, Celso Rui. *Política e Educação Popular: A Teoria e a Prática de Paulo Freire no Brasil*. São Paulo: Ática, 1992.

CAMARA, Helder. *Minorias Abraâmicas e Estruturas da Igreja. Palestra proferida na reunião dos Colaboradores da Freckenhoster Kreises*, Munique, Alemanha, em 22 de junho de 1972.

CASTRO, Gustavo do Passo. *As Comunidades do Dom: Um Estudo de CEB's no Recife*. Recife: Funda / Ed. Massangana, 1987.

CASTRO, Marcos. *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. *Gênese de um pensamento: cartas 1914-1919*. Porto: Tavares Martins, 1966.

MARITAIN, Jacques. *Humanismo e Integral – Uma Visão nova na Ordem cristã*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941.

_____. *Cristianismo e Democracia*. 3.ed. Trad. e introdução de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1949.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*. São Paulo: Ática, 1997.

PRAXEDES, Walter L. de Alencar. *Dom Hélder Câmara e a Educação Popular no Brasil*. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de São Paulo. São Paulo.

QUEIROZ, José J. (org). *A Educação Popular nas Comunidades Eclesiais de Base*. São Paulo: Paulinas, 1985.

RÉZÉK. Romano. *Pequena Biografia e Cronologia de suas Obras*. <http://sites.uol.com.br/pteilhard>. Acesso em 11/11/2002.

THE PEDAGOGY OF HOPE IN DOM HELDER CAMARA

Martinho Condini
Doutor em Educação
Centro Universitário Fieo - UNIFIEO
profcondini@gmail.com

ABSTRACT

This article is intended to show that the practices of Dom Helder Camara throughout his life can be considered independent of pedagogical practices have happened on a school institution or not. Looking for show also the proximity of Helder Camara and Paulo Freire with the issue of awareness and its importance in the process of transformation of society.

Keywords: hope, awareness; humanizing education